ATÉ SERMOS UM

Até Sermos Um

"A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim, e eu em ti, também eles sejam um em nós..." João 17:21

Existe uma pergunta que acompanha a humanidade desde o nascimento da consciência:
por que existimos?

A ciência explica os mecanismos da vida, a filosofia investiga seus significados, a história registra suas consequências, mas nenhuma dessas áreas, isoladamente, consegue responder plenamente ao anseio mais profundo do ser humano.
O homem não pergunta apenas como surgiu ou como vive; pergunta para que vive. É essa pergunta que atravessa toda a narrativa bíblica, desde o Gênesis até o Apocalipse, encontrando sua resposta definitiva na oração sacerdotal de Cristo: "Que todos sejam um."

Essa oração, registrada em João 17, é talvez o momento mais íntimo de todo o ministério de Jesus. Não é um sermão às multidões, não é um confronto com fariseus, nem uma parábola. É a conversa do Filho com o Pai, poucas horas antes da crucificação. Historicamente, ela acontece após a última ceia, quando Jerusalém vive a tensão da Páscoa judaica. O Império Romano domina politicamente a região, enquanto os líderes religiosos controlam a vida espiritual do povo. O cenário é paradoxal: o mundo parece manter sua ordem, mas o centro da história está prestes a mudar para sempre. Para compreender essa oração, é necessário compreender a narrativa maior da Bíblia.

As Escrituras não são uma coleção de histórias independentes; constituem uma única história. Os historiadores bíblicos frequentemente descrevem essa narrativa em quatro movimentos: criação, queda, redenção e restauração.

Essa estrutura não é apenas literária; ela responde às maiores perguntas humanas.

A primeira pergunta é inevitável:
por que existe alguma coisa em vez de nada?

O relato de Gênesis responde de forma distinta das cosmogonias do antigo Oriente Próximo.
Enquanto povos como babilônios e cananeus narravam a criação como resultado de guerras entre deuses, Israel apresenta um Deus único que cria por sua palavra.
O universo não nasce do caos divino, mas da vontade soberana de um Criador.
Essa diferença altera completamente a compreensão da existência.
Se o universo é fruto do acaso, o sentido é construído pelo homem.
Se o universo procede de Deus, o sentido antecede o homem.
Logo surge outra pergunta. Por que fomos criados?

A tradição cristã, desde Irineu de Lião até Agostinho, afirma que Deus não criou por necessidade, mas por amor.

Deus não precisava do homem para completar sua felicidade.

A criação é transbordamento da bondade divina.

O ser humano nasce para participar da comunhão com Deus. Essa afirmação muda radicalmente o conceito de propósito.

O propósito da vida não é produzir riqueza, acumular conhecimento ou alcançar reconhecimento social. Tudo isso pode possuir valor relativo, mas nenhum desses elementos satisfaz plenamente o coração humano porque nenhum corresponde ao seu destino original.

Agostinho sintetizou essa realidade ao escrever: "Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti."

Essa inquietação atravessa toda a história humana. Entretanto, a Bíblia apresenta uma ruptura.

A queda.

Historicamente, muitos estudiosos discutem a forma literária dos primeiros capítulos de Gênesis. Alguns enfatizam sua dimensão histórica; outros sua estrutura teológica. Independentemente da abordagem, existe um consenso entre grandes pensadores cristãos: Gênesis 3 descreve uma verdade universal sobre a condição humana. O homem rompeu sua comunhão com Deus. O pecado não deve ser compreendido apenas como uma infração moral.

No pensamento bíblico, pecado significa perder o alvo. É a tentativa de construir a existência independentemente daquele que lhe deu origem.

As consequências aparecem imediatamente.

Onde havia comunhão, surge medo.

Onde havia transparência, nasce vergonha. Onde havia unidade, instala-se separação.

Essa ruptura explica boa parte da experiência humana. Por que amamos e, ao mesmo tempo, destruímos relacionamentos?

Por que desejamos justiça enquanto produzimos injustiça?

Por que buscamos paz e frequentemente escolhemos violência?

Essas contradições não são acidentes históricos. Elas revelam uma fratura interior.

O filósofo Blaise Pascal observou que o homem é simultaneamente grande e miserável.

Grande porque foi criado à imagem de Deus. Miserável porque essa imagem foi profundamente afetada pelo pecado.

A história confirma essa tensão.

Os mesmos séculos que produziram catedrais produziram campos de concentração. As mesmas civilizações que desenvolveram medicina desenvolveram armas de destruição em massa.

O progresso técnico jamais eliminou o vazio existencial. Pelo contrário.

O século XXI possui acesso ilimitado à informação, mas enfrenta epidemias de solidão, ansiedade e perda de significado.

Isso conduz à pergunta inevitável.

Se Deus existe, por que existe sofrimento?

Nenhuma resposta simplista faz justiça a essa questão.

A Bíblia jamais trata o sofrimento como ilusão.

Jesus chorou diante do túmulo de Lázaro.

Sentiu angústia no Getsêmani.

Experimentou abandono na cruz.

O cristianismo diferencia-se profundamente de muitas correntes filosóficas porque Deus não permanece observando a dor humana à distância.

Ele entra nela. A encarnação constitui talvez a afirmação mais extraordinária da fé cristã.

O infinito torna-se finito. O eterno entra no tempo.

O Criador assume a condição da criatura.

Historicamente, nenhum líder religioso afirmou algo semelhante.

Cristo não veio apenas ensinar sobre Deus.

Veio revelar Deus.

Mas por que a cruz? Por que a morte?

Essa pergunta atravessou séculos de reflexão teológica.

Anselmo de Cantuária argumentava que o pecado produziu uma dívida moral impossível de ser reparada pelo homem.

Athanásio afirmava que somente aquele que criou a humanidade poderia restaurá-la.

C. S. Lewis observava que Cristo realizou aquilo que o homem jamais conseguiria realizar sozinho: perfeita obediência.

Sob qualquer perspectiva cristã clássica, a cruz representa muito mais que execução romana.

Ela torna-se o ponto onde justiça e misericórdia se encontram.

Na cruz, Deus leva suficientemente a sério tanto sua santidade quanto seu amor.

A ressurreição completa esse movimento.

Se Cristo apenas morresse, seria lembrado como mártir. A ressurreição transforma toda a interpretação da história.

A morte deixa de ser destino definitivo para tornar-se inimiga vencida. Entretanto, permanece outra questão.

Se Cristo venceu a morte, por que ainda morremos? A resposta bíblica distingue vitória definitiva de consumação histórica.

O Reino foi inaugurado, mas ainda não plenamente consumado.

Vivemos entre dois tempos.

A cruz já aconteceu.

A nova criação ainda está por vir. Essa tensão explica por que o cristão experimenta esperança sem negar a realidade.

A morte continua produzindo lágrimas.

Mas já não possui autoridade absoluta.

Ela tornou-se passagem, não ponto final.

É justamente nesse contexto que João 17 adquire profundidade extraordinária. Quando Jesus ora:

"Que todos sejam um."

Ele não fala apenas sobre unidade institucional da Igreja.

No texto grego, o termo utilizado aponta para comunhão de natureza relacional.
Cristo convida a humanidade a participar da própria comunhão existente entre Pai, Filho e Espírito Santo.

Essa ideia revolucionou a teologia cristã.
O propósito final da salvação não consiste simplesmente em evitar o inferno.
Nem apenas alcançar o céu.
O propósito é participar da própria vida de Deus.
O mundo pergunta: Quanto você possui?
Cristo pergunta:
Em quem você permanece?
O mundo mede produtividade. Cristo mede permanência.
O mundo celebra autonomia.
Cristo convida à dependência.
Talvez seja justamente essa a maior dificuldade contemporânea. Vivemos na cultura do indivíduo.

A Bíblia apresenta a cultura da comunhão.

Vivemos buscando identidade em desempenho. Cristo oferece identidade em relacionamento. Vivemos tentando provar nosso valor.

O Evangelho declara que somos amados antes mesmo de qualquer mérito.

Por isso, a oração "até sermos um" não descreve apenas o futuro da Igreja.

Descreve o destino da criação.

O Apocalipse encerra a narrativa iniciada em Gênesis.

O jardim transforma-se em cidade.

A separação desaparece. A morte deixa de existir.

O choro termina. Deus habita com seu povo.

Perceba a coerência impressionante.

A Bíblia começa com comunhão.

A comunhão é rompida. Cristo restaura essa comunhão. A eternidade consuma essa comunhão.

Toda a história bíblica pode ser resumida como o movimento de Deus trazendo de volta aquilo que havia sido perdido.

O homem foi criado para Deus.
Perdeu-se de Deus.
Foi buscado por Deus.
É transformado por Deus.
E caminhará para Deus.

O propósito da vida não é simplesmente existir, mas participar da comunhão eterna do Criador.

O propósito da morte, à luz do Evangelho, deixa de ser o triunfo do fim para tornar-se a última fronteira vencida por Cristo.

A história humana não caminha para o vazio, mas para um encontro.

E quando esse encontro finalmente acontecer, todas as perguntas que hoje parecem insolúveis encontrarão sua resposta não apenas em conceitos, mas na própria presença daquele que, desde antes da fundação do mundo, desejou uma única realidade: que finalmente sejamos um Nele, como Ele é um com o Pai.

Deus Abençoe,

Eva Sousa
07/2026